



São Paulo é imigrante. Italianos de São Paulo na literatura e nas fotografias do Museu da imigração do Estado de São Paulo

Ana Beatriz Demarchi Barel*

Abstracts

The issue of Italian immigration to Brazil is now a field of reflexion and an area of study well developed, especially if we consider historical and sociological research. However, when we turn to literary studies, the situation is quite different. The Author prefers in this paper the approximation between publications of different nature, *Anarquistas, graças a Deus, Brás, Bexiga e Barra Funda* and a book of photographs, *Retratos imigrantes*.

Keywords: immigration, identity, representation, photography, literature on immigration

El tema de la inmigración italiana en Brasil es hoy un campo de reflexión y un área de estudios altamente desarrollados, sobre todo si pensamos en la investigación histórica y sociológica. Sin embargo, cuando nos referimos a los estudios literarios, la situación es bastante divergente. La Autora realiza en su trabajo un acercamiento entre diferentes tipos de publicaciones, *Anarquistas, graças a Deus e Brás, e Bexiga e Barra Funda* y un libro de fotografías, *Retratos imigrantes*.

Palabras chave: inmigración, identidad, representación, fotografía, literatura sobre la inmigración

Il tema dell'immigrazione italiana in Brasile è un ampio campo di riflessione in un'area di studio molto sviluppata, soprattutto se si pensa alla ricerca storica e sociologica. Tuttavia, quando ci si riferisce agli studi letterari, la situazione è alquanto diversa. L'Autrice tenta di comparare tipologie diverse di pubblicazioni, *Anarquistas, graças a Deus e Brás, Bexiga e Barra Funda* y un libro di fotografie, *Retratos imigrantes*.

Parole chiave: immigrazione, identità, rappresentazione, fotografia, letteratura sull'immigrazione

* Universidade estadual de Goiás (Ueg), Biblioteca Mindlin da Universidade de São Paulo (Bb/Usp), Brasil; e-mail: anabeatriz.demarchibarel@gmail.com.



*A decisão de imigrar é sempre
um ato de coragem,
quando não de puro
desespero...
imigrar implicava, na maior
parte dos casos,
nunca mais ver a terra natal
nem as pessoas deixadas para
trás*

(Walter Vicioni Gonçalves)

O tema da imigração italiana ao Brasil constitui, hoje, um campo de reflexão e uma área de estudos bastante desenvolvidos, sobretudo se pensamos nas pesquisas históricas e sociológicas, nas quais se destacam, por exemplo, os escritos de Boris Fausto e de Oswaldo Truzzi, que organizaram importantes estudos sobre a imigração ao Brasil, respectivamente, na *História da vida privada no Brasil* e, em recente lançamento, *Italianidade no interior paulista*. No entanto, quando nos voltamos para os estudos literários, a situação é bastante divergente, quer seja por ainda persistir entre os literatos uma compreensão mais restrita ou purista do que se define como “literatura”, quer seja por frágil interesse no tema, este, preterido por outros assuntos mais valorizados em contextos de determinadas colorações políticas.

Nesse sentido, é remarcável a pequena quantidade de autores¹ que tratam da imigração italiana num País em que o contingente de italianos é enorme e a herança legada por essa população é tão relevante e visível.

Assim, privilegiamos em nosso texto a aproximação entre publicações de natureza diferente, por um lado, duas obras literárias, *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai, e *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antonio de Alcântara Machado, e por outro, um livro de fotografias, *Retratos imigrantes*, organizado por João Kulcsár. Essa

¹ Além de Zélia Gattai e António de Alcântara Machado, podemos citar Juò Bananère, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que escreveu várias paródias a poemas famosos e é conhecido sobretudo por sua *Divina incrensa* (1915), que retoma, em chave humorística, a *Divina commedia* de Dante Alighieri.



atitude, além de ter como intenção abrir espaço para a discussão sobre o tema no domínio literário, também destaca a perspectiva transdisciplinar, ao estabelecer contrastes e semelhanças, permanências e rupturas que se materializam em textos elaborados a partir de sistemas de códigos diversos.

O objetivo de escrever esse artigo nasceu de nosso interesse pela temática da imigração e da representação de identidades culturais na literatura e que tomou corpo num projeto de pesquisa, atualmente em andamento, sobre a memória afetiva e a representação familiar na literatura sobre imigração entre os séculos XIX e XX e também das reflexões sobre a exposição organizada pelo Museu da imigração do Estado de São Paulo, a antiga Hospedaria do imigrante do Estado de São Paulo. Intitulada *Retratos imigrantes*, a exposição foi organizada em parceria com o Museu da imigração de Ellis Island de Nova Iorque e contou com o apoio do Consulado geral dos Estados Unidos da América, em São Paulo.

Inaugurada em 27 de março de 2015, *Retratos imigrantes* definiu um interessante sistema de intercâmbio simultâneo de acervos iconográficos entre os dois Museus da imigração, o de São Paulo e o de Ellis Island. Os curadores selecionaram, para cada exposição, 50 fotografias de cada um dos acervos. Do acervo do Museu da imigração de São Paulo/Apesp², composto por imagens da Hospedaria de imigrantes do Brás, 35 fotografias foram para a exposição de Ellis Island e 35 fotografias do acervo do Museu da imigração de Ellis Island vieram para a exposição de São Paulo. As outras 15 fotografias são de Augustus Frederick Sherman, um funcionário de Ellis Island que, tendo começado como balconista responsável pelo atendimento no local, foi promovido, com o tempo, a chefe do balcão do serviço de imigração, participando ativamente dos comitês adicionais de interrogatório.

Se na literatura a representação do imigrante se faz pelas palavras, num movimento incessante e nunca totalmente acabado de trazer aos olhos do leitor a figura do outro, – tarefa que se define pela própria natureza da linguagem elaborada ao longo do tempo e não no instante, no átimo de tempo, no segundo –, na fotografia, o processo de captura instantânea da imagem traz em seu bojo outras questões, outras

² Arquivo público do Estado de São Paulo.



indagações, frutos do efeito resultante da realidade na retina do espectador.

Tendo em vista essa problemática mas riquíssima relação entre palavra e imagem, de que forma esses objetos – literário e iconográfico – constroem o imigrante de São Paulo e de Ellis Island? Quais os elementos que entram na fatura desse personagem nas obras de Zélia Gattai e Alcântara Machado e quais os que identificamos nos acervos desses importantes museus, lugares de memória de um imenso contingente de pessoas que construíram nosso País?

De que forma essas duas fontes permitem “desenhar” o imigrante italiano, torná-lo palpável, acessível, decifrável ao País que o recebe? Quais as estratégias estéticas utilizadas pelos escritores e pelo fotógrafo para singularizar uma identidade italiana, uma italianidade?

São Paulo é o Estado brasileiro que recebeu o maior número de imigrantes europeus desde o século XVI³. Dentre os imigrantes que se dirigiram ao Brasil, sobretudo no século XIX, os italianos formam o maior contingente, só sendo superados pelos portugueses, nossos colonizadores, se levarmos em conta toda a história do Brasil, desde o início da colonização.

Porém, apesar da forte presença italiana no Brasil, as obras literárias que tematizam o processo de imigração ou em que o imigrante italiano seja protagonista são, estranhamente, raras. Esse Estado de coisas já permitiria um grande debate e a produção de inúmeros artigos que refletissem sobre esse “apagamento”, essa presença tímida – ou seria envergonhada? – da voz italiana nas obras literárias. Assim, constatando a fragilidade da representação literária do tema da saga imigrante italiana, escolhemos Zélia Gattai que só tem em sua companhia os escritores pré-modernistas, Juò Bananère e o modernista António de Alcântara Machado. Os dois últimos, ainda que se dediquem à representação do imigrante italiano, não são, eles mesmos, descendentes nem parte da comunidade.

³ O Estado de São Paulo recebeu 70% de todos os imigrantes italianos vindos ao Brasil nas duas levadas de imigração deste País de origem. Isto porque concentrava o maior número de fazendas de café do País. A região que mais enviou imigrantes ao Brasil foi o Vêneto. 365.000 imigrantes – cerca de 30% – eram de origem vêneta, num total de quase 1.250.000. Fonte: Site do Ibge (Instituto brasileiro de geografia e estatística).



Narrado em primeira pessoa, *Anarquistas, graças a Deus* é um livro de estrutura muito simples, subdividido em capítulos não numerados, cujos títulos lembram fatos importantes da vida da escritora. Marcado pelo registro autobiográfico, relata a saga da família de Zélia, desde sua chegada ao Brasil, a história não sendo, porém, contada segundo uma ordem cronológica que coincide com a linha do tempo e, sim, de acordo com suas lembranças, o que reforça o caráter memorialista da obra.

A escritura de *Anarquistas, graças a Deus* desempenha um papel importante para a definição do personagem histórico Zélia Gattai – a definição de sua identidade como autora, diferenciando-se do marido, a construção de seu personagem literário, escritora de origem imigrante, e sua formação como mulher. Outros elementos, no entanto, são cruciais para a compreensão do projeto de publicação de *Anarquistas, graças a Deus*.

O título *Anarquistas, graças a Deus* resume as origens da autora paulistana.

Zélia Gattai é filha de Ernesto e Angelina Gattai. O pai, filho de florentinos anarquistas, mecânico de automóveis, a mãe, filha de católicos vênets, operária de fábrica de tecidos no bairro do Brás, um dos núcleos da população italiana do início do século XX em São Paulo. Irmã de Remo, Vera, Vanda e Mário, Zélia crescerá numa casa da Alameda Santos, paralela à Avenida Paulista, atual centro financeiro onde as grandes decisões políticas são tomadas, no que diz respeito aos rumos econômico e industrial do País.

Naquela época, a avenida já anunciava sua vocação para abrigar as famílias representantes do poder local. Porém, no tempo dos Gattai, entre os anos Vinte e Trinta do século passado, imigrantes como Ernesto, gente simples, ainda conseguiam se estabelecer na região graças à ajuda de conhecidos, em geral, outros imigrantes que os haviam recebido, servindo como ponto de referência na chegada ao País de adoção.

Ernesto Gattai é o típico imigrante, filho da primeira leva de italianos que se dirige ao Brasil. Sem recursos e descontente com os rumos que tomava a Itália pós-unificação, partem em busca de vida melhor, levando consigo além dos papeis de identificação, invariavelmente, família numerosa e um ofício que lhes permitirá a rápida inserção nas camadas populares que engrossam as fileiras da modernização paulistana. Eram italianos católicos, em sua maioria, mediterrâneos brancos e conheciam



o trabalho braçal, todos estes fatores aparecendo como um grande valor para serem aceitos pelos serviços da imigração do Estado brasileiro e como atEstado de fiabilidade da adaptação à realidade desconhecida.

Anarquistas, graças a Deus é um fiel retrato da realidade paulistana do início da modernização, fornecendo ao leitor informações abundantes para conhecer e compreender o Brasil de nossos dias e a configuração da sociedade paulistana, da sociedade paulista e brasileira.

Detentor dos conhecimentos da profissão de mecânico, Gattai será recrutado como motorista dos Prado, tradicional família de grandes empresários e proprietários de terras do Estado de São Paulo. Assim, entrará em contato com os senhores do poder local que, mais tarde, passarão a frequentar sua oficina, confiando-lhe a manutenção de seus carros e limusines.

Se por um lado Zélia relata o duro cotidiano do pai, os Gattai se movendo nos Jardins, participando, nos bastidores, da realidade endinheirada dos arredores da Avenida Paulista, há um movimento pendular no seu relato, a narradora estampando, simultaneamente, o dia-a-dia dos contrêrrâneos do Brás e do Bexiga.

Habitados, em sua grande maioria, por italianos meridionais, os bairros do Brás, da Mooca e do Bexiga foram formados pelos italianos mais desfavorecidos, vindos de camadas populares e que constituirão a mão-de-obra das fábricas têxteis do País. Assim, será no Brás que se instalarão os italianos vindos da Campânia, da Calábria e da Sicília, aceitando baixas remunerações e condições desumanas de trabalho.

Zélia Gattai nos mostra as condições em que vivia esta população urbana, destacando as diferenças entre as duas origens⁴ – italianos do Norte e italianos do Sul.

Essas diferenças são importantes para a construção identitária desta comunidade imigrante tanto no que diz respeito à compreensão de si

⁴ Em seu *Interior italianidade paulista. Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)* Oswaldo Truzzi destaca como o processo tardio de unificação da Itália influenciou na consciência de uma identidade nacional italiana na Itália. Assim, a população imigrante que chega ao Brasil tem, de si, uma ideia não de pertença a uma nação e, sim, a uma região. Eles têm, de si, uma consciência de identificação regional. Será, portanto, no contato com as populações locais que os receberão em São Paulo que surgirá ou que se fortalecerá uma ideia de identidade italiana, o que leva o autor à constatação de que a identidade italiana é forjada fora da Itália. A este respeito, cfr. o capítulo *Uma italianidade construída em São Paulo*.



mesmos enquanto grupo, numa esfera interna, se podemos dizer, como também com relação aos “locais”, aos brasileiros.

O Bexiga, amplo e populoso, era igualmente pitoresco. Seus habitantes, como os da Caetano Pinto, conservavam seus costumes e faziam suas leis. Moradores de outros bairros dificilmente frequentavam o Bexiga, considerado um reduto de gente atrasada, perigosa, de sangue esquentado. Provavelmente havia um certo exagero no julgamento... Ao contrário dos italianos do Norte, que blasfemavam a respeito de tudo e por tudo, os do Sul não blasfemavam, não ofendiam a Deus em hipótese alguma. Desabafavam, ofendendo a mãe dos outros, com a maior tranquilidade, insultando o próximo com termos grosseiros, chulos: “Vá fá’n culo!”, “A fessa a māmata!”, “Stronzo!”, e muitos outros mais (Gattai, s.d.: 78 e 86).

Em geral, a imagem do imigrante italiano que tendeu a se cristalizar corresponde mais àquela veiculada por autores como Antonio de Alcântara Machado em obras como *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. Publicado em 1927, o livro de Alcântara Machado define o imigrante pela ótica da elite. Nascido em tradicional família paulistana, Alcântara Machado nos legará obras importantes para a compreensão da modernidade brasileira, do início do processo de industrialização nacional e da formação do proletariado urbano, este, constituindo-se, majoritariamente, de braços imigrantes. Desta forma, escreve além de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, no qual compõe um grande panorama da imigração italiana, e *Laranja da China*, de 1928.

A imagem que tende a predominar é a do imigrante italiano inculto, sem polimento, o carcamano, o que, na realidade, é uma estratégia retórica poderosa na definição de lugares de interlocução.

No conto *A sociedade*, Alcântara Machado explicita a relação que se estabelece entre os italianos e os “locais”. Estes últimos, vale lembrar, muitas vezes antigos imigrantes, em geral, portugueses e espanhóis e que, já melhor integrados à sociedade brasileira, viam com maus olhos a chegada dessa nova população que disputaria com eles os mesmos espaços e os mesmos objetivos de vida.

Buscando a integração e tendo como única forma de pressão a força do trabalho, essa população imigrante, quer seja ela de origem italiana, portuguesa ou espanhola, introduzirá mudanças no perfil da sociedade brasileira, tentando criar um espaço em que possa sentir-se mais segura. Por esta razão, no discurso sobre os grupos imigrantes, a referência ao



trabalho⁵ aparece, forçosamente, associada ao desejo de “pertença”, ao desejo de inclusão no grupo dos que detêm as rédeas da sociedade que os recebe e que manipulam com mais destreza e mais familiaridade os códigos bem aceitos.

Este desejo de inserção e de “pertença” é evidenciado no conto *A sociedade*. Nele, Alcântara Machado escancara a hipocrisia das relações sociais do início do século XX, ao destacar como a família Mattos e Arruda, apesar de contrariada com a origem humilde do pretendente da filha, cede à proposta de sociedade dos Melli. Desejosa de identificar-se ao grupo dominante, a família Mattos e Arruda rejeita, de início, o imigrante, mostrando ter incorporado ao seu discurso os elementos que os estigmatizam. Por esta razão, divulga sua aversão ao novo imigrante, referindo-se a ele com a palavra que o qualifica, e que o designa como pertencendo ao grupo dos inferiores.

– Filha minha não casa com filho de carcamano!

A esposa do Conselheiro José Bonifácio de Mattos e Arruda disse isso e foi brigar com o italiano das batatas. Teresa Rita misturou lágrimas com gemidos e entrou no seu quarto batendo a porta. O Conselheiro José Bonifácio limpou as unhas com o palito e saiu de casa abotoando o fraque. O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço. O Lancia passou como quem não quer... A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino...

– Olhe aqui, Bonifácio: se esse carcamano vem pedir a mão de Teresa para o filho, você aponte o olho da rua para ele, compreendeu?

– Já sei, mulher, já sei (Alcântara Machado, 2011: 44).

No entanto, ávidos por progredir e enriquecer, tanto quanto o recém-chegado imigrante italiano, acabam dobrando-se ao capital e abrindo exceções aos códigos socialmente aceitos. Vale lembrar, aliás, que o capital será o único elemento capaz de permitir aos imigrantes de progredir, permitindo que encontrem a brecha que autorizará sua aceitação social.

⁵ Sobre a importância do valor do trabalho para as populações imigrantes italianas, cfr. o recém-publicado *No interior italianidade paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)* de Oswaldo Truzzi. No capítulo *Uma italianidade construída em São Paulo*, Truzzi analisa os fatores que atuaram para a definição de uma ética do trabalho, conjunto de atitudes e valores que caracteriza a colônia em sua implantação no Estado de São Paulo.



Mas era cousa muito diversa. O cav. uff. Salvatore Melli alinhou algarismos torcendo a bigodeira. Falou como homem de negócios que enxerga longe. Demonstrou cabalmente as vantagens econômicas de sua proposta. Renovou a proposta e repetiu os argumentos pró. O conselheiro possuía uns terrenos em São Caetano. Cousas de herança. Não lhe davam renda alguma. O cav. uff. tinha a sua fábrica ao lado. 1.200 teares. 36.000 fusos. Constituíam uma sociedade. O conselheiro entrava com os terrenos. O cav. uff. com o capital. Arruavam os trinta alqueires e vendiam logo aquela parte para os operários da fábrica. Lucro certo, mais que certo, garantidíssimo.

– É, eu já pensei nisso. Mas sem capital o senhor compreende é impossível...

– Per Bacco, doutor! Mas io tenho o capital. O capital sono io. O doutor entra com o terreno, mais nada. E o lucro se divide no meio (Alcântara Machado, 2011: 46).

Neste conto, onde as palavras exercem um papel importante na explicitação do frágil terreno da moral em que seres humanos e negócios se confundem, assumindo, ambos, valores de troca – sociedade, capital, proposta – a nova ordem de funcionamento do universo nacional suplanta a velha forma de concepção do mundo. É assim que o mundo dos títulos e pompas que representa o conselheiro de nome longo e composto cede espaço e se curva à nova ordem social do imigrante simples e que mistura as palavras mas que progride graças ao trabalho, surgindo como a força do capital.

– E então? O que devo responder ao homem?

– Faça como entender, Bonifácio.

– Eu acho que devo aceitar.

– Pois aceite... E puxou o lençol.

... A outra proposta foi feita de fraque e veio seis meses depois. No chá de noivado o Cav. Uff. Adriano Melli na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta (Alcântara Machado, 2011: 47-48).

Em seu relato, porém, Zélia Gattai faz referência, em vários momentos, com mais neutralidade, a hábitos que até os dias de hoje não fazem parte do cotidiano de muitos “locais”. Os imigrantes italianos chegam trazendo na bagagem, além do sonho de uma vida melhor, o hábito da leitura, dos jornais anarquistas e que deixaram seus frutos



Ítalo-Brasileiros como *Il Fanfulla*⁶, publicado em italiano e em português, simultaneamente, mas também dos grandes nomes do século XIX europeu, dos teóricos anarquistas como Bacunine, Kropotkine aos romancistas Franceses, Victor Hugo e Emile Zola, além de Dante e sua *Divina comédia*. Vão ao cinema toda semana, são conhecedores de óperas.

A este respeito, Marlyse Meyer, em seu *Folhetim: uma história*, chama a atenção para o papel que desempenharam os Italianos na formação do público-leitor dos jornais brasileiros, sobretudo paulistas, e que tem origem entre estes mesmos imigrantes

A aproximação com a Itália se impõe se levarmos em conta a inevitável renovação do público leitor do folhetim que examino no capítulo seguinte, quando falo dos folhetins nos jornais paulistas, como o Correio Paulistano, que oferece um exemplo dessa renovação. E lembrar, com efeito, a sua clientela italiana, provavelmente já uma classe burguesa, a consumir o conceituado jornal do Prp. Aqueles representantes da “colônia” – para quem o jornal mantém um jornalista italiano – cujas simpatias fascistas, como as do jornal, aliás, são mal disfarçadas e para quem Mussolini transmite mensagens. E por que não? Leitores possíveis do folhetim diário, no que se reencontrariam então com a própria tradição italiana. Uma classe alta italiana mas que deve ter se originado daqueles imigrantes que em levadas sucessivas alcançaram o Brasil a partir de 1890, com ápice por volta de 1910. Camponeses vênetsos de início, meridionais em seguida, todos aqueles que, explorados e miseráveis na terra de origem, perseguindo o “mito da América”, vieram se esfalfar nas fazendas de café de São Paulo e engrossar, tanto em São Paulo como no Rio, as recém-criadas fileiras do proletariado brasileiro urbano, provavelmente iletrados ou apenas alfabetizados (Meyer, 1996: 326).

Todos esses elementos aparecem em Alcântara Machado sob uma espessa camada de caricatura, ridicularizando-os pelo recurso do descompasso entre o personagem e o objeto. Rimos ao saber que o morador do Brás e do Bexiga lê o *Fanfulla* pois o ato de leitura é relegado a um segundo plano na narração, os holofotes se voltando sobre os modos e maneiras do leitor, que tem todos os seus traços – físicos e psicológicos – deformados pelo excesso da caricatura.

⁶ *Il Fanfulla* é, originalmente, um jornal de fundo político fundado em Firenze, em 1870 e transferido, pouco tempo depois, a Roma. Foi publicado até 1899. O *Fanfulla* brasileiro, conhecido como o jornal da colônia italiana, foi fundado em 1893 e é um jornal de grande penetração junto à comunidade italiana da capital paulista nos séculos XIX e XX.



Na sala de jantar Pepino bebia cerveja em companhia do Américo Zamponi (Salão Palestra Itália – Engraxa-se na perfeição a 200 réis) e o Tibúrcio (– O Tibúrcio... – mulato? – Quem mais há de ser?).

– Quero só ver daqui a pouco a notícia do Fanfulla. Deve cascar o almofadinha.

– Xi, Pepino! Você é ainda muito criança. Tu é ingênuo rapaz. Não conhece a podridão da nossa imprensa. Que o quê, meu nego. Filho de rico manda nessa terra que nem a Light. Pode matar sem medo. É ou não é, Seu Zamponi?

Seu Américo Zamponi soltou um palavrão, cuspiu, soltou outro palavrão, bebeu, soltou mais outro palavrão, cuspiu.

– E isso mesmo, Seu Zamponi, é isso mesmo! (Machado, 2001: 63).

Como contraponto à obra de Alcântara Machado, assim vemos os mesmos bairros e seus habitantes, na ótica de Gattai

devido a seus cortiços famosos, a Rua Caetano Pinto, no Brás, afastava de suas calçadas moradores de outras ruas. Mal-afamada pelas brigas e bafafás diários, tornara-se tabu, habitada sobretudo por italianos do Sul da Itália – calabreses principalmente – vindos à procura de fortuna no Brasil. Sobre ela contavam-se coisas do arco-da-velha, histórias mirabolantes. População extremamente religiosa, profundamente patriota, de sangue quente. Comprava barulho por um dá cá aquela palha, mas, ao mesmo tempo, era terna e alegre. As mulheres tinham fama de valentes, discutiam de janela a janela, batiam nos filhos, à moda italiana: violentos tapas na cara (Gattai, s.d: 76-77).

Se o Brasil é o destino de milhões de imigrantes que se sujeitam a condições indignas de trabalho e sobrevivência, ele será também o País que tornará possível o sonho de outros imigrantes⁷. Neste sentido, vale lembrar, a título de ilustração de uma outra disparidade, o nome de Francesco Matarazzo, que imigrou ao Brasil aos 27 anos de idade em busca de melhores condições de vida, e construiu o maior complexo industrial da América Latina no século XX, o império das Indústrias Matarazzo, e que se compunha de fábricas e lojas espalhadas por todo Estado de São Paulo. Na década de Sessenta, o rendimento bruto das Empresas Reunidas Francisco Matarazzo é o quarto maior de todo o

⁷ Sobre as possibilidades que se apresentam aos italianos, no universo rural e no urbano, e as que vão consrtuir, cfr. os capítulos *No meio rural* e *No meio urbano*, de *Italianidade no interior paulista: Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)* de Oswaldo Truzzi.



País, 6% da população paulistana dependendo exclusivamente de suas fábricas.

As obras de Zélia Gattai e de Alcântara Machado são reveladoras de como se elaboraram as imagens do estrangeiro no Brasil, mostrando o amplo espectro de indivíduos que se lançou à aventura da imigração.

Os estudos de Boris Fausto provam como, de maneira nada fortuita, no século XIX, escolheram-se os elementos que definiram as correntes migratórias, a Europa se consolidando como um pólo expulsor de populações e os Estados Unidos e o Brasil, sobretudo, como pólos atrativos de populações. Programas de propaganda são elaborados pelos Estados americano e brasileiro, difundindo a idéia das possibilidades, onde todos os sonhos se realizam. Mais uma vez, reelabora-se o mito da Terra de promessa, o mito da América.

Nosso País ocupa, desde tempos remotos – um período que antecede o início oficial da colonização –, um lugar privilegiado no imaginário ocidental, assumindo os contornos do Paraíso terrestre. Surgindo como materialização do sonho anarquista, ele toma as formas da famosa Colônia Cecília, aglomerado de imigrantes vindos da Itália e que consistia num novo modelo de organização social no qual os órgãos tradicionais do Estado, representantes da autoridade, não existiriam. Na obra da escritora paulistana, esse projeto político revela-se um projeto de vida de centenas de imigrantes que partem para o Brasil, influenciados pelos pensamentos do anarquista Giovanni Rossi, dito Córdias.

Em 1890, os avós de Zélia, Francisco Arnaldo e Argia Gattai, partem, junto dos mais de 150 voluntários, rumo aos trezentos alqueires de terra concedidos pelo Imperador.

Entre os primeiros que se apresentaram estava Francisco Arnaldo Gattai, meu avô, que entrara em contato havia muito com Córdias... Argia Fagnoni Gattai, minha avó, não era mulher de recuar diante de obstáculos. Aos trinta anos de idade, carregada de filhos, não teve medo de enfrentar o desconhecido. Amava o marido, sabia o que representava para ele aquela viagem. Não iria desapontá-lo... Entre os cento e cinquenta – talvez um pouco mais – pioneiros que integravam o grupo, havia gente de várias profissões e classes sociais: médicos, engenheiros, artistas, professores, camponeses e operários – em meio a esses últimos, meu avô (Gattai, s.d: 137).

O sonho da Colônia Cecília não duraria muito. Deposto em 15 de novembro de 1889, quando da proclamação da República, Dom Pedro



II não pôde mais apoiar a iniciativa anarquista do grupo de Cárdias que via seu projeto desfazer-se frente a dificuldades de toda sorte.

Se a história dos anarquistas termina mal, seu sonho de um mundo mais solidário não resistindo às turbulências da vida política brasileira, a saga dos italianos vênets não seria diferente. Os vênets eram recrutados na própria Itália, e quando desembarcavam no porto de Santos já eram arrebanhados pelos Serviços da imigração que os conduziam à Hospedaria do imigrante, um complexo de prédios construído no bairro do Brás, especificamente com o objetivo de receber a imigração em massa promovida pelo Estado brasileiro em parceria com o Estado italiano.

Desta forma, a Hospedaria do imigrante, verdadeiro centro de triagem dos italianos que eram interceptados desde o desembarque em solo brasileiro por agentes do Estado, recebeu mais de 2,5 milhões de imigrantes. Aí eram avaliados, sendo analisados os dentes, as mãos, o porte físico. Homens, mulheres e crianças eram enviados às fazendas de café que os aguardavam para uma rotina árdua, sob um clima ao qual não estavam habituados, num regime de semieescravidão.

Essa busca por uma vida melhor, que se revela possível mais para uns, menos para outros, está profundamente enraizada nos mitos da terra de abundância, a Canaã ou o País de Cocanha, nutridos pela retórica sofisticada que é sua mesma natureza e que todas as culturas elaboram num plano imaginário. Em *Anarquistas, graças a Deus*, o mito do Brasil como Terra prometida alia-se ao projeto utópico anarquista.

Se numa ponta dessa história temos as obras literárias que elaboram os dados da vida real, misturando história individual e história nacional, memória, autobiográfico, na outra, temos as imagens da imigração, eternizadas na fotografia sobre o papel. Como anunciamos no início deste artigo, o livro de João Kulcsár, *Retratos Imigrantes*, reúne um conjunto de fotografias sobre imigrantes de várias nacionalidades e, dentre elas, priorizamos as de imigrantes italianos. Uma das primeiras observações a ser feita é sobre as diferenças entre as fotografias do museu norteamericano e as do museu paulistano. Primeiramente, há um desequilíbrio visível entre o número de fotografias do acervo brasileiro e do acervo norteamericano. Não sabemos a razão dessa escolha; no entanto, ela gera, além da discrepância no interior do conjunto iconográfico e que prejudica a avaliação do material do Museu da imigração do Estado de São Paulo – o acervo se reduz a isso?; se sim, houve mais material excluído do projeto do livro? se sim, por quê?; se



não, quais as razões para tão frágil representatividade no acervo museológico e no livro? – são apenas algumas das questões a serem colocadas⁸. O conjunto de fotografias brasileiras selecionadas por Kulcsár é formado por 4 fotografias coletivas todas de autor desconhecido, 4 de imigrantes de outras nacionalidades, 1 de mulher, à p.19, *Imigrante italiana em foto de passaporte* (1920), 1 de homem, à p.21, *Imigrante italiano em foto de passaporte* (década de Vinte), à p.22, *Família de imigrantes italianos em foto de passaporte*, todas pertencentes ao Acervo Museu da imigração/Apesp. Todas as fotografias coletivas e a da família não têm data precisa.

São poucas fontes iconográficas mas que apontam para informações importantes para nosso trabalho. Por um lado, para algumas fotos, a impossibilidade de identificação do autor e, por outro, fotos feitas para um documento oficial. Nas fotos coletivas, excetuando-se aquela, *Imigrantes portugueses no pátio da hospedaria do Brás*, seguramente a possibilidade de termos italianos fotografados é grande, já que o maior contingente de imigrantes era formado por eles. Nas demais, temos uma mulher e um homem já de idade e uma família, formada por uma mulher, aparentemente, mãe de duas meninas pequenas e de um rapazinho, o pai estando ausente.

Se as fotos individuais revelam que mesmo homens e mulheres já em idade avançada enfrentavam o desafio da imigração, a foto de família define o grupo que se forma por laços de sangue e que, juntos, buscam seu lugar na sociedade brasileira.

Essa foto mostra um núcleo familiar de origem humilde, com roupas simples, as duas meninas com laços de fita no cabelo e o rapaz com um chapéu coco. A mãe, uma senhora de seus 30 ou 40 anos, sem adereços, segura no colo a filha mais nova. Ao fundo, uma parede sem reboco, deixando à vista, na foto do passaporte, uma marca social humilde do pequeno grupo.

Se nessas fotos conseguimos uma individualização, uma identidade para os indivíduos retratados, nas fotos coletivas, o imigrante é o grupo, sua identidade sendo apagada enquanto indivíduo ou, talvez, apenas possível de ser compreendida no coletivo, como um grande eu formado por muitos eus.

⁸ Entramos em contato com o organizador do livro, João Kulcsár, porém a comunicação não se revelou ágil nem fácil. Assim, não conseguimos obter mais informações sobre este projeto, infelizmente. Nem autorização formal para a reprodução das fotografias.



Essas fotos são responsáveis pela definição, no imaginário nacional, do personagem “imigrante”. Um ser sem rosto, sem nome, sem particularidades, todos conceitos que surgem como parecendo, desta forma, permitir uma definição, a posteriori, por aqueles que o recebem. Chegando a uma sociedade em posição de demanda, portanto, em lugar assimétrico em relação aos donos da terra, a imagem dos imigrantes italianos será elaborada, em parte, em função de necessidades, fragilidades, fantasmas e projeções dos brasileiros. O imigrante italiano nas fotografias do acervo do museu paulistano reunidas no livro de João Kulcsár tem uma aparência “burocrática”, a fotografia foi pensada com um fim muito claro, ser documento, permitir identificação para integrar um grupo com um destino muito objetivo, integrar as fileiras do campesinato e, posteriormente, do operariado brasileiro e paulista.

Caso totalmente diverso é o trabalho de Augustus Sherman. Se as fotografias do acervo brasileiro são desprovidas de “aura” estética, no sentido de uma elaboração em que se busca a beleza da imagem, o mesmo não se pode dizer das fotos de Sherman. Em *Retratos imigrantes*, há 3 fotografias de imigrantes italianos, *Mulher italiana*, à p.37, *Mulher italiana*, à p.41, a mesma da capa e *Enrico Cardi, 15 anos, rapaz e soldado italiano. Ex SS 'Pátria'*, à p.69. Nelas, constata-se que os imigrantes de fato posam para a objetiva. Nesse sentido, seu trabalho pode apontar para duas questões. A primeira é a da espontaneidade que, ainda que controlada no primeiro acervo, uma vez que as pessoas se deixavam fotografar para um documento oficial, é, ali, mais perceptível e “verdadeira”. Os imigrantes do acervo do museu brasileiro não posam para um fotógrafo que vai criar um personagem “imigrante”. Eles apenas são fotografados como seres humanos que sabem que, desde este instante, já integram um grupo, o dos imigrantes. No caso das fotos de Sherman, os imigrantes, ao posarem para ele, criam um segundo imigrante, um duplo, um imigrante “tipo”, um imigrante ícone de uma dada nacionalidade. Dessa forma, se por um lado congelam um “ser-resumo”, um “cromo” de uma nacionalidade específica – com seus lenços, colares, chapéus, blusas, botas – o que retira a espontaneidade do retrato, por outro, contribuem de forma importante para os estudos etnográficos e antropológicos, ao perpetuarem, através da fotografia e de uma preocupação estética do retrato, imagens-símbolos de suas identidades nacionais. Os imigrantes das fotografias de Sherman formam verdadeiras coleções de imagens de imigrantes de diversas nacionalidades, revelando os dois lados



de seu projeto iconográfico: o de documentar a imigração e o de criar o personagem imigrante, através da estetização da identidade imigrante.

Referências bibliográficas / References

- Alvim Z., *Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo*, in *História da vida privada no Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 1998, v.3, pp.215-88.
- Bananère J., *La divina Incredula*, Folco Masucci, São Paulo, 1966.
- Bosi A., *História concisa da literatura brasileira*, Cultrix, São Paulo, 1989.
- Candido A., *Formação da literatura*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1993.
- Fausto B., *Imigrantes: cortes e continuidades*, in *História da vida privada no Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 2002, v.4, pp.13-62.
- Gattai Z., *Anarquistas, graças a Deus*, Publicações Europa-América, Mira-Sintra, s/d.
- Kulcsár J., *Retratos imigrantes*, Serviço social da indústria/Sesi-São Paulo Editora, São Paulo, 2015.
- Machado A. de Alcântara, *Brás, Bexiga e Barra Funda. Notícias de São Paulo*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 2001.
- Meyer M., *Folhetim: uma história*, Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
- Truzzi O., *Italianidade no interior paulista. Percursos e descaminhos de uma identidade*, Editora da universidade estadual Paulista, São Paulo, 2015.

Recebido: 14/02/2017

Aprovado: 07/04/2017

